



SINTAXE E INTERFACES: UMA INTRODUÇÃO

SYNTAX AND INTERFACES: AN INTRODUCTION

Daniel Carvalho¹

João Paulo Lazzarini-Cyrino²

Universidade Federal da Bahia

Na introdução do livro *Syntactic Structures*, Chomsky (1957, p. 11) afirma que a “noção central de uma teoria linguística é o de ‘nível linguístico’ [...] tais como fonêmico, morfológico, estrutura frasal... essencialmente um conjunto de mecanismos descritivos que se tornam disponíveis para a construção de gramáticas.”³ O termo “gramáticas”, de acordo com Ramchand e Reiss (2007, p. 1), é usado em *Structures* de uma forma ambígua para se referir tanto ao objeto de estudo e um modelo linguístico deste objeto. Assim, Chomsky (1957, p. 18)

¹ danielcarvalho@ufba.br

² jpcyrino@gmail.com

³ Tradução aproximada do original: “central notion in linguistic theory is that of ‘linguistic level’ . . . such as phonemics, morphology, phrase structure . . . essentially a set of descriptive devices that are made available for the construction of grammars.”

retorna ao assunto dos níveis, referindo-se tanto à complexidade das línguas quanto à utilidade de uma descrição teórica:

[a] language is an enormously involved system, and it is quite obvious that any attempt to present directly the set of grammatical phoneme sequences would lead to a grammar so complex that it would be practically useless. For this reason (among others), linguistic description proceeds in terms of a system of “levels of representations”. Instead of stating the phonemic structure of sentences directly, the linguist sets up such “higher level” elements as morphemes, and states separately the morphemic structure of sentences and the phonemic structure of morphemes. It can easily be seen that the joint description of these two levels will be much simpler than a direct description of the phonemic structure of sentences.

Para van Valin (2001, p. 1), a sintaxe é um componente central da linguagem humana. É comum hoje, na teoria linguística, dizermos que língua é modular. De acordo com Fodor (1983), a sintaxe das línguas naturais representa um sistema discreto, determinístico e combinatório que gera representações dentro de um módulo autônomo, informacionalmente encapsulado da faculdade da linguagem. O resultado final do componente sintático (a sentença) é, então, mapeado e enviado para, possivelmente, representações não-linguísticas de outros módulos cognitivos em certos pontos da computação. Esses pontos são definidos como **interfaces**. Linguistas tendem a especializarem-se em pesquisar módulos particulares da língua – sintaxe, morfologia, semântica, fonologia. Entretanto, a própria existência de cada módulo e as fronteiras e interfaces entre os módulos são questões controversas e altamente produtivas.

Assim, numa interface entre a sintaxe e a semântica, esses módulos podem relacionar o conteúdo da sentença ao componente conceitual-intencional (CHOMSKY, 1995), que é responsável pelo modelo teórico interpretativo *stricto sensu*, que permite o cálculo de inferências lógicas, a representação de conceitos e intenções e, possivelmente, outras funções mais. Já uma interface entre sintaxe e morfologia, segundo Embick e Noyer (2005), é aquela que permite teorizar sobre como “palavra”, e sua estrutura interna, – o domínio tradicional da morfologia – relaciona-se com estruturas geradas pela sintaxe e como as regras para derivar palavras complexas relacionam-se com as regras para derivar estruturas sintáticas. Pullum e Zwicky (1988) afirmam que é comum, senão universal, que, nas línguas naturais, as formas fonológicas de um morfema podem depender de propriedades não fonológicas. Assim, questões como (i) que informações morfológicas estão acessíveis às regras fonológicas? (ii) que

informações sintáticas estão acessíveis às regras morfológicas? (iii) que informações fonológicas estão acessíveis às regras morfológicas?, e (iv) que informações morfológicas estão acessíveis às regras sintáticas? (PULLUM; ZWICKY, 1988, p. 256) Juntem-se a essas perguntas: (v) que informações semânticas estão acessíveis às regras sintáticas, morfológicas, fonológicas, lexicais e discursivas? (vi) que informações sintáticas, morfológicas, fonológicas, lexicais e discursivas estão acessíveis às regras semânticas?

É, portanto, na tentativa de lançar luz às questões postas aqui por Pullum e Zwicky e por nós que surgiu a ideia de reunir em um volume da Revista Estudos Linguísticos e Literários trabalhos que tratem destas relações gramaticais e extra-gramaticais.

Este dossiê, portanto, apresenta trabalhos das mais distintas perspectivas teóricas, que reúnem análises que considerem a sintaxe o ponto fulcral para a análise linguística. É indiscutível que, observando as línguas naturais, a sintaxe se interconecta com os demais níveis da gramática (e até a níveis que vão além dela). Os trabalhos aqui reunidos são um convite ao leitor a refletir sobre um ponto pacífico na literatura linguística: as interfaces com a sintaxe são um universo que precisa ser melhor explorado. Citando Ibaños e colegas (2015, p. 253), “há muita coisa a ser investigada nas interfaces da Sintaxe”.

O primeiro artigo, intitulado **A aquisição da posição do verbo em inglês e alemão: um estudo comparativo**, de Carolina Lacerda Medeiros, analisa dados de fala de crianças adquirindo o inglês britânico e o alemão, em diferentes fases, com o objetivo de observar seu comportamento em relação à aquisição da posição do verbo. Com base em Vikner (1995), a autora assume que o alemão é uma língua V2 assimétrica, em que o verbo se move para C nas sentenças matriz, não apresentando V2 estrutural nas orações encaixadas, ocupando, portanto, a terceira posição da sentença. Por outro lado, o inglês se caracteriza como uma língua de V2 residual, na qual a posição mais alta para onde o verbo se move é I, movendo-se para C somente em interrogativas qu- e em sentenças negativas. Além disso, o inglês, nas construções encaixadas, apresenta o verbo em segunda posição linear, diferente do que ocorre em alemão.

Em seguida, Beatriz Pires Santana, em seu artigo **A morfologia distribuída e a natureza do segmento /r/ na flexão verbal do português brasileiro**, propõe que um núcleo distinto para carregar o traço de futuro relaciona diversos fenômenos diferentes do português brasileiro. O primeiro

deles é o fato de o futuro do presente, o futuro do pretérito, o futuro do subjuntivo e o infinitivo apresentarem o segmento /r/. Na análise da autora, /r/ é o expoente fonológico inserido em contextos que envolvem o traço de futuro – traço que, por hipótese, também está presente na descrição do infinitivo. Sob essa análise, a mesma estrutura sintática [TP T_[+/-Pret] [FP F_[Fut] [vP v [√P √]]]] é capaz de gerar as três diferentes formas de expressão do futuro do presente e do futuro do pretérito, através de três diferentes movimentos de núcleo sintático.

No artigo seguinte, intitulado **Análise composicional da variação entre *a, para e em em sentenças com verbos do tipo *ir e chegar****, Jair Gomes de Farias analisa a variação intra e interlinguística entre as preposições *a, para e em* em contextos frásicos com verbos do tipo *ir e chegar* no português brasileiro e no português europeu, objetivando descrever e explicar que mecanismos léxico-sintáticos condicionam essa variação. O autor propõe que o lócus de variação reside nas sentenças construídas com a preposição *em*, o que implica restrições de seleção semântica e também de subcategorização impostas pelo complexo V+PP nos contextos analisados. Para a formalização e explicitação desses mecanismos léxico-sintáticos, o autor assume a Teoria do Léxico Gerativo, de Pustejovsky (1998), utilizando-se do princípio gerativo da co-composição para a análise empreendida.

Com o objetivo de sistematizar e traçar um panorama dos principais estudos sobre a origem do infinitivo flexionado no português, Patrícia Helena Veloso de Carvalho e Rafael Dias Minussi, no artigo **Do infinitivo impessoal latino ao infinitivo flexionado no português brasileiro: origens e reanálise da flexão de número e pessoa**, colocam à mostra os prós e contras das duas principais hipóteses para gênese dessa forma verbal - teoria do imperfeito do subjuntivo latino e teoria criadora (MAURER, 1968; MARTINS, 2001; WIREBACK, 1994), expondo uma análise das flexões dos verbos no futuro do subjuntivo por meio da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997, EMBICK, 2010) e de alguns estudos posteriores como o de Bassani & Lunguinho (2011).

Adeilson Pinheiro Sedrins, com o artigo **Notas sobre extração no português brasileiro**, apresenta algumas restrições sobre extração entre complementos e adjuntos de nome no inglês e no português, situando algumas análises que se propuseram a dar conta desses contrastes. A maioria das assunções adotadas foi baseada no trabalho de Avelar (2006), que estudou

aspectos referentes a propriedades sintático-semânticas de adjuntos adnominais no português brasileiro. Entre as propostas apresentadas em Avelar, Sedrins adota a distinção que o autor faz entre adjuntos nominais (em forma de sintagmas preposicionados) que são na realidade manipulados na sintaxe como DPs, os quais denominamos de *de-adjuntos* e PPs que são encabeçados por verdadeiras preposições, presentes na derivação sintática, os quais denomina de *P-adjuntos*.

Paulo Jeferson Pilar Araújo, no artigo **Posse(ssivos), papéis temáticos e a categoria semântica controle**, discute a proposta de que, para melhor caracterizar as relações de posse predicativa, a categoria semântica Controle deve ser considerada, perspectiva essa que vai além da observação de paralelismo de papéis temáticos e de movimento de núcleos funcionais para lidar com possessivos e outros domínios. Para isso, as análises unitaristas ou localistas de Freeze (1992) para locativos, existenciais e possessivos são apresentadas, chamando para o debate as particularidades de línguas que utilizam possessivos comitativos (LEVINSON, 2011). Partindo de uma análise inicial de Belvin (1996), constata-se que a categoria Controle necessita de uma formalização mais adequada para lidar com as diversas relações próximas das de possessivos (ARAÚJO, 2013).

Norma Barbosa Novaes-Marques, sem seu artigo **Propriedades da relação conclusiva no português**, analisa a relação conclusiva que se realiza por meio das conjunções *então* e *portanto*, em dados de língua falada nos países lusófonos. Para tanto, utiliza o aparato da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo teórico que privilegia a intenção comunicativa do falante ao fazer uso do sistema linguístico em situação de interação. Os resultados mostram que há uma relação indireta na relação conclusiva, já que há uma premissa implícita. Verifica-se que aspectos da Formulação são refletidos no nível de Codificação morfossintática.

O dossiê encerra-se com o trabalho de Rosi Ana Grédis, que desenvolve o trabalho **A importância dos estudos sobre a gramática universal nas pesquisas em aquisição de segunda língua**, de cunho bibliográfico, que tem como objetivo principal discutir a importância dos estudos acerca da relação entre a Gramática universal (GU), proposta por Noam Chomsky desde seus primeiros trabalhos, e os estudos de Aquisição de Segunda Língua (SLA), assim como explicar as atribuições da GU na ASL e esclarecer algumas hipóteses sobre se há, ou não, acesso

à GU por parte dos aprendizes de uma segunda língua.

Esperamos que este dossiê inspire e contribua para a continuação da pesquisa em sintaxe em todas as áreas de investigação. Para concluir esta apresentação, gostaríamos de agradecer profundamente aos colaboradores, cujas excelentes contribuições têm ampliado as fronteiras dos estudos sobre as interfaces da sintaxe⁴.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo Jefersson Pilar. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. 245p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AVELAR, J.O. de. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese de doutorado, Campinas, UNICAMP, 2006.
- BASSANI, Indaiá. S.; LUNGUINHO, Marcus.V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem. Edição Especial, n.5*, p. 199-227, 2011.
- BELVIN, Robert Stallings. *Inside Events: the non-possessive meanings of possession predicates and the semantic conceptualization of events*. Tese de doutorado (Linguística) USC, 1996.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- EMBICK, David. *Localism versus globalism in morphology and phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- EMBICK, D; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In RAMCHAND, G.; REISS, C. (eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 289-324.
- FODOR, J. A. *The modularity of Mind*. Cambridge, MA: MIT Press 1983.
- FREEZE, Ray. Existential and Other Locatives. *Language*, 68, p. 553–595, 1992.
- HALLE, Morris; Alec MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.) *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

⁴ Nota do editor: Este número 54 da revista é composto ainda por artigos que não se centram em interfaces com a sintaxe, razão pela qual aparecem registrados na seção “Varia”.

IBAÑOS, A.M.T.; OTHERO, G. de A.; BIASIBETTI, A.P.C. da S. Apresentação – Linguística: Sintaxe e suas Interfaces. *Letrônica*. v. 8, n. 2, p. 246-255, 2015.

LEVINSON, Lisa. Possessive WITH in Germanic: HAVE and the role of P. *Syntax*, 14: 4, dezembro 2011, 355-393.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In *Proceedings of the 27th Annual Penn Linguistics Colloquium*. UPenn Working Papers in Linguistics 4:2, Article 14. Philadelphia, PA, UPenn, 1997.

MARTINS, Ana Maria. On the origin of the Portuguese inflected infinitive. In: *Historical Linguistics*, 1999, Edited by Laurel J.Brinton, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 2001.

MAURER JR, Theodoro Henrique. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional-USP, 1968.

PULLUM, G.K.; ZWICKY, A.M. (1988) The syntax-phonology interface. In *Linguistics: The Cambridge Survey; Volume I, Linguistic Theory: Foundations*. NEWMAYER, F.J. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 255-280.

PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. London: Cambridge, MIT Press, 1998.

RAMCHAND, G.; REISS, C. (eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2007

WIREBACK, K. J. The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive. *Hispania: A journal devoted to the interests of the teaching of Spanish and Portuguese*. V. 77, set, 1994.

van VALIN, R. D. Jr. *An Introduction to Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VIKNER, S. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.